

CORPOS QUE SE ATRAVESSAM: O REVERBERAR DE FORÇAS DE CORPOS EM MOVIMENTO NA ESCOLA

Rafaele Paiva¹

Resumo: A partir de oficinas de movimento do corpo embasadas na Técnica Klaus Vianna oferecidas numa escola estadual da cidade de Campinas/SP, este trabalho procurará pensar as potências de ressonância das forças emanadas dos acoplamentos dos corpos coisa e dos corpos coisas escolares (INGOLD, 2012) durante o processo de experimentação em oficina.

Nada é, tudo está sendo. Antes de começar, gostaria de propor um exercício: escolhermos um objeto do cômodo em que estivermos e o observarmos. Cuide para ter um olhar que tateia, do sentir enquanto vê. Aqui, na sala de minha casa, optei por observar uma das cortinas. Chama minha atenção a dança que ela faz com o vento que, apesar de bela, demonstra um pouco de inquietação no balançar. Há também delicados desenhos que se formam no contraste entre luz do sol e sombra em sua superfície, enquanto calor emana do tecido. Calor este que pinta um amarelado no tecido branco gelo, refletido para resto da sala.

Fiz aqui um pequeno e rápido tatear dos “aconteceres” na cortina de minha sala. Digo aconteceres, num sentido que Tim Ingold (2012) nos oferece como ideia de um mundo habitado por *coisas* em processo de acontecer, ou melhor, as próprias *coisas* são um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam (INGOLD, 2012). Minha cortina, se estendida no sofá ao invés de pendurada em seu varão, não estaria trocando calor com o sol, muito menos sendo iluminada por ele e não teria o toque do vento. Seu peso estaria apoiado no sofá, suas trocas seriam entre dois tipos de tecidos e os desenhos que faria seriam outros.

O que quero trazer com isso é que percebo esta cortina como uma *coisa*, no sentido de Ingold (2012), pois está viva e apenas é o que percebo enquanto em relação com a luz do sol ou o vento. Se mudarmos a situação relacional em que estiver, não será mais aquela cortina que estou vendo, mas outra.

Corpos coisa

Compreendo as *coisas* que habitam o mundo como *corpos coisa*, sejam elas *corpos coisa humana*, *corpos coisa cortina*, *corpos coisa sofá*... Coisas que existem na relação, pois emanam e são atravessados por fios vitais, formando rastros de agregados destes fios (INGOLD, 2012) que constantemente os reorganizam como corpos outros. Nas palavras de Ingold (2012) “(...) as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas.” (INGOLD, 2012, p. 29).

Isso significa que a mesma cortina na sala de minha casa e na sala de aula de uma escola, não será a mesma, pois na relação com os *corpos coisa* que habitam aquele espaço, será outra. Portanto, compreendo que ser é estar constantemente em processo de formação e, sendo assim, um corpo não está nunca finalizado, mas sempre em curso. E ainda, mais do que um objeto finalizado que existe com a função de cortar luz e vento para dentro de um ambiente, a cortina é um *corpo coisa* vivo que pulsa e habita o espaço. Sendo assim, lança-se como força de ser mais do que algo útil e funcional, mas um potencializador de formas outras de ser a cada relação.

Tal potência da relação vem da troca entre os corpos: trocas de força, temperatura, suores, cimentos, poeiras, ventos, pelos... Corpos são *coisas* porque vazam por seus poros ao mesmo

¹ E-mail: oi.rafaele.paiva@gmail.com.

tempo que recebem através deles. Somado a isso, proponho que pensemos com José Gil (2004), direcionando o atravessar-se poroso dos corpos como um possível estado de consciência dos mesmos. Num sentido de consciência do corpo como uma instância de recepção de forças e devir formas, trabalhando como potência para um estado perceptivo sensorial destas forças.

O pensamento Vianna da consciência

Como uma forma de impulsionar tal potência, busco movimentar meus trabalhos corporais a partir de experimentações com a técnica Klauss Vianna de dança e educação somática. Tal técnica brasileira é resultado da pesquisa corporal proposta pelos coreógrafos, bailarinos e estudiosos Klauss Vianna e Angel Vianna. Tem como foco a sensibilização e detalhamento dos infinitos caminhos possíveis de movimento do corpo através do estudo dos vetores ósseos. Além disso, como momento inicial de sensibilização, a técnica propõe alguns tópicos a serem trabalhados, num processo denominado *processo lúdico*.

A partir do pensamento dos Vianna sobre corpo e corporeidades, acredito ser possível alavancar o corpo da consciência de que nos fala José Gil (2004). Isso porque no trabalho com a técnica, objetiva-se abrir os poros do corpo, acionando sua atenção a si, ao outro e ao espaço. Ou seja, apoiados na técnica Klauss Vianna, temos a possibilidade de acordar o corpo em suas percepções sensíveis nestes três estados de atenção, detalhando as sutilezas dos caminhos internos de movimento, tanto quanto dos desenhos traçados na relação com os outros corpos e com o espaço.

Penso então com este corpo acordado a partir de suas percepções sensíveis, o corpo da consciência (GIL, 2004). Porém, compreendendo que esta não é uma consciência de, mas uma impregnação de consciência pelo corpo, através dele. Já que este está aberto às forças que emanam dos outros *corpos coisa*, ao mesmo tempo que ele mesmo emana atravessares.

Corpos que se atravessaram

Foi então que, a partir desse pensamento com *corpos coisa da consciência*, propus exercícios de experimentação corporal em dança em oficinas para alunos do ensino médio de uma escola do estado de São Paulo localizada na cidade de Campinas/SP. Com base nos acordamentos possibilitados pela técnica Klauss Vianna, coloquei as alunas para relacionarem-se experimentalmente com as canetas com que escreviam todos os dias em sala de aula. A ideia era propor a partir da relação cotidiana de escrita, movimentos de mão, punho, braço e corpo todo que fossem além dos pequenos movimentos que envolvem a escrita no dia-a-dia.

Como provocação conceitual, parti da afirmação de Gilles Deleuze (2002) que diz: “(...) em arte não se trata de reproduzir ou inventar formas, mas de captar forças.” (DELEUZE, 2002, p. 62). Pois bem, cruzando tal pensamento deleuziano com a percepção de que corpos coisa são vazantes de forças, ao propor tal exercício, pretendi que nesta relação de corpos porosos as forças emanassem de ambos e fossem também captadas, gerando acoplamentos de forças, reverberando um estado de ressonância das mesmas através dos movimentos de dança.

Isso quer dizer que os corpos estudaram, junto das outras coisas, mais possibilidades de ser quando somados, para além daquele da sala de aula. A partir da mão que escreve com a caneta, experimentamos como esse pequeno movimento reverberaria no resto do corpo se amplificado.

A caneta no ar potencializou inúmeras fissuras nos padrões de movimento, e mesmo depois que já não estava sendo segurada pelas mãos, as forças que sua estada emanou atravessaram os corpos tão intensamente que os movimentos não cessaram de espalharem-se pelo espaço.

Reverberações

Pretendia, pois, com tal experimentação, buscar sair do cotidiano da caneta que existe para escrever apenas em papel ou superfícies sólidas, recriar sua vivência de objeto útil, percebendo-o como *coisa* viva. Ao mesmo tempo, não buscava formar uma figura ou contar uma história sobre as relações com as canetas. A experimentação estava mais num sentido de tentar dar forma em movimento às forças que emanavam daquela relação caneta-corpo, tornando-as sensíveis às percepções.

Compreendi então que dar vida aos *corpos coisa* presentes nos ambientes, escolares ou não, é uma maneira de abrir possibilidades de línguas outras a fertilizar potências de ser. E nesse sentido, meu convite foi vibrar estas potências de outros possíveis modos de existir as *coisas* através de um *corpo da consciência*, desperto pela técnica Klaus Vianna. Isso, para daí partimos em direção a questões de como tais vibrações reverberam no espaço ou quais as torções possíveis desses modos outros de ser nos ambientes em que vibram? Reverberemos.

Referências

DELEUZE, G. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, J. *Abrir o corpo*. 2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/archive/plans?doc=152315631&escape=false&metadata=%>>. Acesso em: fev. 2018.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.